

Ouro Preto- 6 de setembro de 1895.

Meu caro Sales

Tenho diante dos olhos a tua preciosa cartinha de 29 de agosto,

Como sabes, deixei na única livraria da terra alguns exemplares do teu livro; poucos se têm vendido, mas como não olhas para o lucro, isso não me incomoda. Oportunamente o livreiro me dará a conta. Isso por aqui é uma lástima a respeito de literatura e de tudo.

O clima de Ouro Preto, frio e húmido durante a maior parte do ano, pois agora ainda <sup>se</sup> está tiritando e constipado, me acabrunha deveras. Junta a isto a falta de incentivos, a miséria de meio, e as minhas ocupações de funcionário, que trabalha 6 horas por dia, sem descanso e sem férias, e a minha saúde e o meu estado moral, e terás a explicação da esterilidade em que me vês. Quase nada produzo agora, mormente versos. Os que tens visto publicados em alguns jornais do Rio já não são novos.

Sinto em mim mesmo uma indisposição para escrever literatura, que me subjuga, que não posso vencer. Parece que não há nada mais a esperar de mim. Passou tudo. Admiro a fertilidade de Vces, o fogo, o entusiasmo, a fé, que se mostra no que produzem. Invejo essa fôrça, que já não tenho, êsse vigor ardente de que já não me sinto capaz. É com íntima satisfação e saudade que leio o Pão. Não duvides da sinceridade com que te falo. Não me foi possível continuar o meu estudo sôbre a Padaria. Faltam-me ainda elementos importantes. Quis mesmo tratar especialmente das Trovas do Norte, tanto mais quanto o Sabino me escreveu pedindo com instância que eu fizesse um artigo sôbre aquêle teu encantador livro. Mas, qual! não é o primeiro projeto meu que fica no tinteiro. Também não precisas. Deves estar contente com a recepção que mereceu teu livro, e as próprias acerbas injustiças, a que te referes, atiradas contra ti e contra a Padaria, são uma verdadeira sagração. Assim o penso, porque não há mérito legítimo que não deva sofrer os seus combates. Em compensação Vces. têm rechassado com valentia os golpes lançados adversos. Mário de Azevedo é um bom amigo nosso, com efeito. É um menino ainda, posso assim dizer, mas inspira-me esperanças pelo seu talento e sobretudo pelas suas excelentes qualidades.

Os versos que êle remeteu não me pareciam maus; ao contrário achei

que tinham seu mérito relativo. Como êle mostrasse desejo de ver o seu trabalho e o seu nome a figurarem em alguma das colunas do Pão, consultou-me se devia remetê-los e a quem diretamente, e eu aconselhei-o a que os remetesse a ti. Ontem mostrou-me êle o bilhete que lhe escreveste, mas não se incomodou, deu-te razão até. Eu fiz-lhe uma leve admoestação; que que êle não devia ter escrito dizendo que eu lhe pedira versos para o / Pão, mas sim pedindo aos redatores d'êste a honra de lhe publicarem os seus versos, pois isso é de comezinha delicadeza, que ninguém ignora. Foi uma criançada d'êle que desculparás, certo de que êle é nosso amigo, teu sincero admirador e com quem podes contar. O seu desejo de colaborar em um jornal, que êle aprecia, é muito natural por fim de contas. O teu post-scripto sôbre êle também é natural, mas não saiu do sigilo; consumi-o como é de uso fazer-se. Como me pedes alguma coisa inédita, acabo de fazer os poucos tercetos inclusos para serem publicados no Pão. Não te vão parecer também uma velharia. Para te desapontar não bastará talvez o nome de Anarda, que se encontra a granel em Filinto Elisio, Bocage e outros Arcades portuguezes? Em todo o caso, é o que me saiu da pena, que vai aí. Estimo que tivesse gostado do pouco que escrevi sôbre a Padaria; mas podes crer que ali não houve benevolência, nem vontade de agradar propriamente, e sim desejo de exprimir a verdade de que sentia e sinto. Fiz algum esforço mesmo para ser rigoroso, pondo a amizade de parte, que mais vale a justiça.

Junto a esta um retrato meu. Não é grande coisa como trabalho fotográfico, mas não sei quando tirarei outro. Êste foi tirado no Rio, há meses, mas só agora é que me remeteram a dúzia. Mandarei um também para o Sabino. Tenho muitas cartas a escrever; muitos deveres a cumprir. Não sei como me desempenharei d'êles. Entre outros, tenho de escrever para o Centro Literário d'essa cidade de onde me enviaram, com a revista - Iracema -, os Pescadores de Tahyba e o Coração poemas de Álvaro Martins e de Rodrigues de Carvalho. O primeiro principalmente, achei-o delicioso.

Recomende-me à Exma. Família e aos amigos que aí deixei, o Sabino, o Ulisses, o José Carlos, o Lopes Filho e tantos outros.

Aceite um abraço do teu saudoso

-Raimundo Corrêa-

Meu caro Antônio Sales

Ouro Preto, 21 de fevereiro de 97.

2 Vovê decididamente não quer ter mais relações comigo, pelo que eu vejo. Escrevo-lhe cartas sôbre cartas, e não tenho resposta; estive no Rio, de onde tão fácil lhe seria vir até Ouro Preto e não o fêz, apesar de eu lhe haver escrito convidando-o a isso e dizer que o esperava... Que diabo de homem é Você!

Demais, era preciso que Você se entendesse com o livreiro, em cuja casa eu tinha posto as suas Trovas do Norte, o qual não me quer prestar contas do que vendeu ou do que não vendeu. Também a culpa é tô da sua. Por mais que eu lhes fizesse ver, a Você, ao Sabino, ao Alencar, ao Ulisses, a todos os padeiros daí que não deviam julgar Ouro Preto por Fortaleza ou por qualquer outra capital, Vocês insistem em imaginar isto como isto não é. Isto é simplesmente infame, embrutecedor e horroroso! Num meio dêstes as belíssimas ilusões de Vocês não resistiriam de certo. Aqui não se lê, não se sentem as emoções da arte; de jornais só há o insípido oficial que é vivedouro à custa dos cofres públicos; de livrarias só o tal cebo, onde pus os seus livros, que ninguém compra e que Você fêz mal em remeter para cá, onde há, além disso, pessoas por quem distribuí-los sequer. Seria mesmo uma profanação dar as belas Trovas do Norte a êstes animais, que as não compreendem, nem podem compreendê-las. O que êles querem é pasto, os burros! Não se quis Você certificar disto com os seus próprios olhos; agora, permita que eu assim lhe fale, e, se não está zangado, responda-me. O Sr. Cavalcanti aqui esteve, durante a minha ausência, há tempos; mas não teve espaço para conhecer bem êste lugar. É o que lhe digo.

Lí na Revista Brasileira o seu Ceará Literário. Tenho lido também versos seus aqui reproduzidos pelos jornais. Aqui quer dizer no sul, no Rio, e S. Paulo, não em Ouro Preto, onde não se quer saber de poetas. Que é do Pão? Suspendeu a publicação outra vez? Não o tenho recebido. Lembre-me aos amigos literários que aí deixei, ao Sabino, ao H. Cavalcanti, ao Braga, ao Ulisses, ao Bonfim, ao R. Teófilo, ao Lopes Filho, ao Braga, ao Saboia, ao Castro, ao Alencar, a todos os simpáticos /

confrades da Padaria Espiritual, de que guardo saudades. Recomende-me à Exma. Senhora e Família e abrace o seu

Raimundo Correa

3 Meu caro Antônio Sales

Ouro Preto, 31 de outubro de 99.<sup>4</sup>

Li a tua carta de 3 de setembro, remetida de Quixadá, onde foste a refazer a saúde e o vigor, em companhia dos teus, em pleno sertão. Eu, com alguns anos mais do que tu e longe dos que mais íntimamente me amam, não pude obter êsse recôbro de fôrças, que aí de certo acharás, se já não o achaste. O que eu trouxe, sim, da minha viagem, foi uma grata lembrança da nossa curta convivência aí.

Nunca se me apagará d'alma a viva recordação, que lhe imprimiram tu e outros rapazes de coração e talento, que aí formam a tua roda. E ainda me falas do "isolamento de vocês do sul, centro do nosso escasso movimento literário":

Como te enganas tu, e quão fácil te seria acreditar no contrário! Com certeza não sei o que o vosso centro d'aí deve invejar do nosso. Aqui já não se escreve, senão mui raramente, com a confiança, a originalidade e a espontânea inspiração que se sentem nos escritos, que por lá tive ocasião de ler. A nota do dia é a mesma, há muito tempo chilra e sedição. A política e o utilitarismo derribou todos os ideais e esterilizou tudo. Felizes de vocês que podem escapar a tão triste devastação! Quem não ama, nem fantasia, não vive. O exemplo de união e solidariedade, que vocês nos derem, talvez nos faça algum bem aqui; mas é preciso que tóda a obra da "Padaria" seja aqui conhecida e atua vibrantemente sobre os nervos d'essa rapaziada enferma e desunida. E basta sobre o assunto.

Tenho a dar-te notícias minhas e em poucas palavras o farei.

Aqui estou, desde o dia 24, empregado na Secretaria do Interior, onde tenho 6 horas de trabalho por dia. Além d'isso, tenho as aulas da Faculdade Livre, que me roubam em cada dia outras horas, que eu poderia consagrar ao que mais me aprovesse.

V Ves aqui um exemplo de quanto é martirizante e dissolvente a luta entre a profissão e a vocação natural da gente. Põe sobre isso tudo não sei quantas horríveis ladeiras a subir e a descer todo o santo dia nesta ladeiranta e medonha cidade, e imagina depois, adicionando muitas outras tormentas morais que deves imaginar também, que será por fim de contas d'êste teu fraco e pobre amigo! O rever-te em mente, forte, sadio e cheio de coragem e com os olhos fixos no ideal e banhados já pelo sol do futuro, como lá te vi, me alenta deveras. Aqueçam-me vocês com um sopro largo e flamejante do forno quente d'essa Padaria. Escrevam-me. Eu escreverei também; hoje a êste, amanhã àquêle, ou Sabino, ou José Carlos, ou Sales, ou etc. Recomenda-me à Exma. Família, abraça os amigos e a êste teu

Raimundo Correa